

# **CORONAVÍRUS E AS CIDADES NO BRASIL:**

**REFLEXÕES  
DURANTE  
A PANDEMIA**

Adriana Fiorotti  
Aline S. Nascimento  
Andréa Borde  
Andrea Borges  
Carlos Fernando Andrade  
Clarisse de Almeida  
Daniel Sousa  
Daniela Zanetti  
Daphne Besen  
Débora Ungaretti  
Denise Vogel  
Diana Helene  
Dinah Papi Guimaraens  
Duarte de Souza R. Filho  
Eduardo S. Salsamendi  
Eleonora Mascia  
Erminia Maricato  
Fábio Bruno de Oliveira  
Glauco Bienenstein  
Gustavo Jucá

ORGANIZADORAS:

**ANDREA BORGES  
LEILA MARQUES**

Isabel Rocha  
Jaucele Azerêdo  
José Ricardo de M. Lopes  
Leila Marques  
Luciana Deutsch  
Lúcio Nascimento  
Marcela Abla  
Michele Baruffaldi  
Mila Montezuma  
Nabil Bonduki  
Núbia Nemezio  
Pedro H. R. Mendonça  
Raquel Rolnik  
Regina Bienenstein  
Rogerio Cardeman  
Ruskin Freitas  
Shirley C. Dantas  
Simone Feigelson  
Vicente Loureiro  
William Bittar

Copyright © 2020 by Adriana Fiorotti, Aline Nascimento, Andréa Borde, Andrea Borges, Carlos Fernando Andrade, Clarisse de Almeida, Daniel Sousa, Daniela Zanetti, Daphne Besen, Débora Ungaretti, Denise Vogel, Diana Helene Ramos, Dinah Papi, Duarte de Souza Rosa Filho, Eduardo S. Salsamendi, Eleonora Mascia, Erminia Maricato, Fábio Bruno de Oliveira, Glauco Bienenstein, Gustavo Jucá, Isabel Rocha, Jaucele Azerêdo, José Ricardo de Moraes Lopes, Leila Marques, Luciana Deutsch, Lúcio Nascimento, Marcela Abla, Michele Baruffaldi, Mila Montezuma, Nabil Bonduki, Núbia Nemezio, Pedro H. R. Mendonça, Raquel Rolnik, Regina Bienenstein, Rogerio Cardeman, Ruskin Freitas, Shirley Carvalho Dantas, Simone Feigelson, Vicente Loureiro e William Bittar

Capa e projeto gráfico: **Thiago de Barros | TDB Estúdio**

Diagramação: **Leandro Collares | Selênia Serviços**

Revisão: **Carolina Medeiros**

Coordenação editorial: **Lucia Koury**

---

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

C822 Coronavírus e as cidades no Brasil : reflexões durante a pandemia / organizadoras: Andrea Borges, Leila Marques. – Rio de Janeiro : Outras Letras, 2020.  
208 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-990531-2-2

1. 1. Cidades e vilas – Aspectos da saúde – Brasil. 2. Planejamento urbano – Aspectos da saúde - Brasil. 3. Saúde urbana – Brasil. 4. Arquitetura e urbanismo – Aspectos humanos – Brasil. 5. Arquitetura e sociedade – Brasil. 6. COVID-19 (Doença) – Aspectos sociais - Brasil. 7. Coronavírus - Aspectos sociais - Brasil. 8. Epidemias – Aspectos sociais – Brasil. 9. Sociologia urbana – Brasil. I. Borges, Andrea, 1966-. II. Marques, Leila, 1962-.

CDD – 307.760981

---

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

Todos os direitos desta edição estão reservados à

Outras Letras Editora Ltda.

Tel.: 21 2267 6627

contato@outrasletras.com.br

www.outrasletras.com.br

 outrasletras

 outrasletras

# Sumário

- 21 **Covid-19 e a necropolítica: a dinâmica de Duque de Caxias em meio à quarentena e isolamento social**  
Aline Souza do Nascimento
- 26 **Utópico retorno**  
Andrea Borges de Santa Cruz
- 31 **Compreendendo a cidade a partir da vivência dos espaços da intimidade**  
Andréa de Lacerda Pessoa Borde
- 36 **O vírus em um cenário de *descidade***  
Carlos Fernando Andrade
- 39 **Quarentena cega**  
Clarisse de Almeida
- 43 **Territorialidades em tempos de pandemia: espaços em disputa, sociabilidades em rede**  
Daniela Zanetti  
Adriana Fiorotti Campos
- 48 **A geopolítica da pandemia: cidades, estados e multilateralismo**  
Daphne Costa Besen
- 53 **Das proto-cidades às *smart cities*: reflexão a partir do coronavírus**  
Denise Vogel
- 58 **“Eu quero sair daqui!”: do isolamento doméstico a coletivização do cuidado**  
Diana Helene

- 66 **Espaço público urbano como tabu na era do Covid-19: os casos do Brasil e da Espanha**  
Dinah Papi Guimaraens
- 70 **O caos programado dos transportes coletivos em momento de pandemia**  
Duarte de Souza Rosa Filho e Adriana Fiorotti Campos
- 75 **Covid-19 e a reforma do sistema prisional**  
Eduardo Sanches Salsamendi
- 79 **Direito à cidade e à saúde**  
Eleonora Lisboa Mascia
- 84 **O coronavírus e um plano de emergência para as cidades**  
Erminia Maricato
- 90 **Como repensar as cidades a partir da pandemia do coronavírus**  
Fábio Bruno de Oliveira
- 96 **O coronavírus, a cidade e a arquitetura: o caso brasileiro como um (possível) laboratório de horrores**  
Glauco Bienenstein, Regina Bienenstein e Daniel Sousa
- 101 **O ensino em tempos de isolamento social: complexidade e contradição na formação do profissional humanista**  
Gustavo Jucá
- 106 **Da colônia ao coronavírus, constatações urbanísticas no Rio de Janeiro**  
Isabel Rocha
- 111 **Bioclimatismo: realidades e desafios contra a propagação da Covid-19**  
Jaucele Azerêdo e Ruskin Freitas
- 116 **A condição humana global dos governos em tempos sombrios de pandemia**  
José Ricardo de Moraes Lopes

- 122 **Distopia urbana x sustentabilidade social**  
Leila Marques da Silva
- 129 **Isolamento social sim, intelectual não:  
reflexões em tempos de pandemia**  
Lúcio Nascimento
- 134 **Habitar a cidade no feminino:  
o vírus nos devolve à casa**  
Marcela Marques Abla
- 139 **É tempo de abrir as janelas**  
Michele Baruffaldi
- 144 **Epidemias e mudanças climáticas: do ego ao eco**  
Mila Montezuma
- 150 **A pandemia bate à porta:  
velhos e novos desafios urbanos**  
Nabil Bonduki
- 157 **Território e vínculo na cidade**  
Núbia Nemezio
- 161 **Suspensão dos despejos residenciais  
é medida essencial neste momento de pandemia**  
Raquel Rolnik, Débora Ungaretti e Pedro H. R. Mendonça
- 168 **Planejamento na cidade do Rio de Janeiro:  
o desenho urbano e a pandemia**  
Rogerio Goldfeld Cardeman
- 172 **O impacto do turismo nos grandes centros urbanos  
e as mudanças propostas após a crise**  
Simone Feigelson e Luciana Deutsch
- 177 **Vulnerabilidades socioespaciais como gatilhos  
para possível disseminação da Covid-19 em Aracaju/SE**  
Shirley Carvalho Dantas

183

**Esperança nas sacadas e janelas essenciais**

Vicente Loureiro

188

**Coronavírus e a moradia da classe média urbana no Brasil**

William Bittar

193

**Os autores**

# **O coronavírus, a cidade e a arquitetura: o caso brasileiro como um (possível) laboratório de horrores**

Glauco Bienenstein

Regina Bienenstein

Daniel Sousa

O presente ensaio materializa um esforço de reflexão sobre as repercussões da pandemia da Covid-19 na cidade e na arquitetura, considerando dimensões política, econômica, urbanística e habitacional. A orientação aqui adotada prioriza um olhar desde a universidade pública, a partir da atuação de um coletivo de professores, pesquisadores e alunos, em um conjunto de ações extensionistas junto a grupos sociais subalternizados.

O momento atual é inegavelmente ímpar! De um lado nos amedronta, de outro nos possibilita refletir sobre nossa práxis enquanto cidadãos, arquitetos e urbanistas. Caso, há algum tempo atrás, alguém sugerisse um cenário próximo ao que vivenciamos no momento, certamente seria rechaçado de forma talvez contundente. Importante ressaltar que o dinâmico contexto atual, talvez condene, num futuro próximo, os apontamentos aqui resumidamente indicados.

Não é novidade afirmar que o Brasil é parte periférica de um sistema-mundo maior orientado pela ordem social-metabólica do capital. Neste contexto, ao longo da história, notadamente no período recente, o padrão de acumulação experimentado tem reproduzido um padrão de urbanização que acirra ainda mais as desigualdades oriundas desse modo de produção. Ou melhor, a

superexploração da força de trabalho e do território tem correspondido a um padrão de urbanização, o qual, de forma bastante resumida, se expressa social e espacialmente numa problemática articulação entre um arquipélago de territórios dotados de infraestrutura, no sentido amplo e genérico do termo, dispersos num oceano de territórios populares precarizados. Esses dois grandes grupos apresentam diferenças e/ou desigualdades diversas, expressando a maneira, também desigual, pela qual a dinâmica da acumulação tem delineado o tecido socioespacial brasileiro, em especial as grandes metrópoles, aí incluída a diferenciação da qualidade do ambiente construído nelas presente.

Num primeiro patamar de análise, a crise provocada pela pandemia do coronavírus põe em cheque o atual modo de desenvolvimento capitalista, notadamente, aquilo que Davis (2020:7) nomeou de “o legado da austeridade”, questionando suas principais orientações e ordens de justificação, e condenando a face horrenda de tal legado e sua respectiva orientação da política econômica. A revisão dos modos e formas de gestão e produção das cidades certamente será uma das pautas importantes a serem repensadas. Assim, a “guerra dos lugares”, de todos contra todos, e todas as formas travestidas de egoísmos, tais como empreendedorismo e precarização das relações de trabalho que têm permeado o mundo recentemente, irão também ocupar a agenda de reflexão e estudo após a tempestade.

No que concerne ao nosso campo de estudo, ou seja, ao urbanismo e, por extensão, à arquitetura, a análise das repercussões da epidemia nas cidades brasileiras requer um olhar mais apurado sobre a parte menos privilegiada do processo urbano brasileiro, ou seja, o que aqui nomeamos de territórios populares.

Num primeiro momento, a epidemia desnudou a outra parte da cidade, isto é, as favelas, ocupações e loteamentos clandestinos da periferia invisibilizados, que somente apareciam na

grande mídia como territórios perigosos da violência. Agora, eles são vistos como *loci*, de onde pode se alastrar sem controle a pandemia, portanto, continuam sendo vistos como territórios perigosos. Assim, há surpresa e até perplexidade frente às condições de precariedade ali presentes. Na verdade, esse contexto construído historicamente, somado à ausência – ou mesmo uma demora na adoção de uma contundente política estatal que garanta condições mínimas para essa parcela da população (seja por transferência direta de renda ou qualquer outro dispositivo) poderá acarretar, segundo os relatos que nos chegam do exterior, um verdadeiro genocídio de parcelas significativas dessa população.

Assim, esse laboratório de horrores em que podem se transformar tais assentamentos, e os grupos sociais que neles habitam, será colocado como desafio a ser enfrentado por nós, profissionais da área de arquitetura e urbanismo, após a tormenta, iluminando o caminho a ser seguido. Esperamos que este, por sua vez, inclua, dentre outras não menos importantes iniciativas, a valorização e o incentivo à universidade pública, gratuita e socialmente referenciada. Nesse contexto, será importante uma detalhada revisão dos currículos e dos modos de ensinar a arquitetura e o urbanismo, adequando-os às reais necessidades de uma significativa e esquecida parcela da população urbana brasileira. Esta tarefa necessariamente implicará, senão no abandono, na redefinição e/ou reorientação de parte dos atuais cânones que têm orientado a práxis (teoria e prática) da arquitetura e do urbanismo, principalmente aqueles vinculados às estreitas possibilidades da economia atual e, no interior das instituições de ensino superior, à valorização da estetização da arquitetura, ou em outros termos, às mentalidades vinculadas a uma arquitetura fashion, que acreditam possa ser socialmente higienizada.

No que tange ao campo do urbanismo, poderemos ver uma divisão em dois campos opostos: um expresso pelas iniciativas

hegemônicas que irão, pelo que tudo indica, construir uma argumentação onde a culpa pelo genocídio recairá sobre a população de baixa renda e sua forma de fazer a cidade; enquanto o outro, talvez seja a oportunidade de reinventar uma maneira de repensar a cidade. Ou seja, os apologeticos da concorrência e da competitividade, que se redefiniram como “planejamento estratégico”, e seus congêneres daí derivados, a saber, “urbanismo por projetos estratégicos”, que apostavam que o mercado poderia equacionar a questão civilizatória, não desistirão. Eles estarão prontos para propor projetos de remoção, inclusive, com recursos públicos, revestidos e justificados em termos de reforma sanitária.

No contexto da atual epidemia, o segmento social objeto das nossas preocupações exigirá respostas e ações, muitas delas já constantes da pauta do movimento popular. Em outros termos, a discussão entre remoção ou urbanização voltará com maior força à ordem do dia. A orientação aqui privilegiada defende um intenso e extenso programa de regularização fundiária e redesenho urbanístico, que inclui a reparação e/ou prevenção de risco ambiental e a implantação de saneamento básico, ou seja, um efetivo esforço visando a melhoria do ambiente construído, criando, em tais assentamentos, as qualidades urbanísticas devidas.

Além disso, cabe destacar que a universidade pública pode, imediatamente, trabalhar no sentido de colocar em prática parte do arcabouço jurídico brasileiro voltado para a questão urbana, especialmente aquele destinado a garantir assistência técnica às famílias de baixa renda (Lei nº 1.888 de 2008). Ou seja, após a tormenta, os saberes e as propostas socialmente referenciados dessa instituição já podem ser colocados efetivamente em prática.

A batalha já começou! A articulação entre a crescente precarização das relações de trabalho e a gestão neoliberal do orçamento público, com destaque para a PEC-95 (PEC do fim do mundo), acarretará não somente óbices na capacidade de reprodução dos

estratos mais baixos da classe trabalhadora, mas, principalmente, sua própria sobrevivência. A impossibilidade de este segmento ter acesso às orientações gerais e meios concretos de se precaver contra a pandemia, que têm sido amplamente divulgadas, resultará na contaminação daqueles que hoje não têm condições de se isolar e de ter acesso às suas necessidades básicas cotidianas (além dos negacionistas). Assim, o cenário pode se tornar ainda pior, pois não havendo uma organização do Estado, conforme estamos vivenciando, poderá disparar a emergência de situações de desespero por um imenso contingente da população, facilitando a irrupção de atos diversos que tendem ao caos, a um “salve-se quem puder”, que não ficará muito distante de algumas produções cinematográficas de Hollywood! Ou seja, considerando a atual epidemia, as diferentes formas praticadas de isolamento social, a estrutura de saúde existente nas cidades e, por fim, a desigualdade socioespacial em um país com dimensões continentais irão abrir novos caminhos para investigação científica, que poderão (ou não) indicar o que é enunciado no título deste breve ensaio.

## Referências

BIENENSTEIN, G; BIENENSTEIN, R.; SOUSA, Daniel Mendes Mesquita de. (org.) *Universidade e luta pela moradia*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017. Disponível em: <[http://nephu.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/457/2019/07/Universidade-em-luta-pela-moradia\\_capitulo-6.pdf](http://nephu.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/457/2019/07/Universidade-em-luta-pela-moradia_capitulo-6.pdf)>. Acesso em 16 abr. 2020.

“Características do Brasil não permitem o isolamento vertical”. Vídeo. Viva bem. Disponível em <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/27/especialistas-caracteristicas-do-brasil-nao-permitem-o-isolamento-vertical.htm>>. Acesso em 26 abr. 2020.

DAVIS, Mike et. al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem amos: Brasil, 2020.